

“PRA FICAR NA MEMÓRIA E NOS ACOMPANHAR”: CARTAS, NARRATIVAS E (RE)INVENÇÕES DE SI

■ JUSSARA FRAGA PORTUGAL

 <https://orcid.org/0000-0001-6727-4928>

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

O texto deriva da intersecção de dois projetos ancorados nos princípios teórico-metodológicos da pesquisa narrativa: o projeto de extensão “Vida e pandemia: narrativas em quarentena” (Portugal, 2020a) e a pesquisa “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia” (Portugal, 2020b). O primeiro se constituiu como um *espaço-tempo* virtual de partilha de histórias sobre a vida no contexto de isolamento/distanciamento social e do enfrentamento da covid-19, intencionando tematizar os impactos da pandemia na vida cotidiana e refletir sobre a questão do *lockdown* e a (re)elaboração de rotinas de trabalho e estudo na dimensão *home office/remoto*, a partir das narrativas orais nos encontros quinzenais. O segundo buscou analisar vivências/experiências individuais compartilhadas pelos membros do Grupo de Pesquisa Geo(*bio*)grafar – Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores sobre as situações experienciadas no contexto. Os mencionados projetos foram desenvolvidos durante a pandemia de covid-19, dos quais participaram 30 membros do Grupo de Pesquisa Geo(*bio*)grafar, professores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), professores da Educação Básica, estudantes da graduação e da pós-graduação. As narrativas foram produzidas no formato de cartas compartilhadas via *e-mail* e WhatsApp, cujos enredos versam sobre as vidas, tempos e espaços alterados, suspensos e/ou reprogramados na pandemia, revelando, como, nesse período insólito, tivemos que reconfigurar rotinas e aprender novos e inéditos modos de ser, viver e fazer, enfrentando nossas dores, medos, angústias, tensões e suas consequências na vida cotidiana.

Palavras-chave: carta; narrativas; experiências; pandemia covid-19.

ABSTRACT

“TO STAY IN MEMORY AND ACCOMPANY US”: LETTERS, NARRATIVES AND (RE)OWN INVENTIONS

The text derives from the intersection of two projects anchored in the theoretical-methodological principles of narrative research: the

extension project “Life and pandemic: narratives in quarantine” (Portugal, 2020a) and the research “Isolating to live: narratives in times of pandemic” (Portugal, 2020b). The first was constituted as a virtual space of sharing stories about life in the context of social isolation/distance and coping with covid-19, intending to thematize the impacts of the pandemic in everyday life and reflect on the issue of Lockdown and (re)study in the home office/remote dimension, from the oral narratives in the biweekly meetings. The second sought to analyze individual experiences/experiences shared by members of the Geo(bio)grafar Research Group - Geography, various languages and narratives of teachers about the situations experienced in the context. The mentioned projects were developed during the covid-19 pandemic, of which 30 members of the Research Group participated - Geo(bio)grafar, professors at the State University of Bahia (UNEB) teachers; undergraduate and graduate students. The narratives were produced in the form of letters shared via email and WhatsApp, whose plots deal with the lives, times and spaces changed, suspended and/ or reprogrammed in the pandemic, revealing, how, in this unusual period, we had to reconfigure routines and learn new and unprecedented ways of being, living and doing, facing our pains, fears, anguishes, tensions and their consequences in everyday life.

Keywords: letter; narratives; experiences; covid-19 pandemic.

RESUMEN “PARA QUEDARSE EN LA MEMORIA Y ACOMPAÑARNOS” CARTAS, NARRATIVAS Y (RE)INVENCIONES DE SÍ

El texto deriva de la intersección de dos proyectos anclados en los principios teórico-metodológicos de la investigación narrativa: el proyecto de extensión “Vida y pandemia: narrativas en cuarentena” (Portugal, 2020a) y la investigación “Isolar para vivir: narrativas en tiempos de pandemia” (Portugal, 2020b). El primero se constituyó como un espaciotempo virtual de compartir historias sobre la vida en el contexto de aislamiento/distanciamiento social y del enfrentamiento de la covid-19, intencionando tematizar los impactos de la pandemia en la vida cotidiana y reflexionar sobre la cuestión del Lockdown y la (re)elaboración de rutinas de trabajo y estudio en la dimensión home office/remoto, a partir de las narrativas orales en los encuentros quincenales. El segundo buscó analizar vivencias/experiencias individuales compartidas por los miembros del Grupo de Investigación Geo(bio)grafar - Geografía, diversos lenguajes y narrativas de profesores sobre las situaciones experimentadas en el contexto. Los mencionados proyectos fueron desarrollados durante

la pandemia de covid-19, de los cuales participaron 30 miembros del Grupo de Investigación Geo(bio)grafar, profesores de la Universidad del Estado de Bahía (UNEB), profesores de Educación Básica; estudiantes de pregrado y posgrado. Las narrativas fueron producidas en el formato de cartas compartidas vía e-mail y WhatsApp, cuyos enredos versan sobre las vidas, tiempos y espacios alterados, suspendidos y/o reprogramados en la pandemia, revelando, como, en ese período insólito, tuvimos que reconfigurar rutinas y aprender nuevos e inéditos modos de ser, vivir y hacer, enfrentando nuestros dolores, miedos, angustias, tensiones y sus consecuencias en la vida cotidiana.

Palabras clave: carta; narrativas; experiencias; pandemia covid-19.

Como tudo começou: cartas, experiências e narrativas

“Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos”.
(Delory-Momberger, 2008, p. 36)

Ancoradas na escrita, partilha, leitura e socialização de cartas, as ações do projeto de extensão “Vida e pandemia: narrativas em quarentena” (Portugal, 2020a) e a pesquisa “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia” (Portugal, 2020b) possibilitaram, no período da pandemia da covid-19, a narrativa e a apropriação da e sobre a vida, conforme sinaliza Delory-Momberger (2008), na epígrafe escolhida para anunciar a escrita deste texto. Trata-se, pois, de um recorte de uma pesquisa narrativa realizada com 30 colaboradores (estudantes e professores) vinculada ao Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar – Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a qual compõe a pesquisa-âncora “Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: identidades, memórias e narrativas” (Portugal, 2021)¹.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, focalizou os modos como os membros do mencionado grupo conceberam a vida no contexto pandêmico e a produção de narrativas no formato de cartas, como fonte de compreensão, reflexão e partilha das experiências.

A realização das atividades vinculadas aos projetos de extensão e de pesquisa, que culminou com a escrita de 30 cartas, a organização de duas coletâneas *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida* (Portugal et al., 2022) e *Isolar para viver: experienciar, sentir e narrar a vida* (Portugal et al., 2022), compreende um colaborativo movimento de apropriação da vida em tempos de pandemia. As experiências vividas no grupo demarcaram um tempo (de incertezas), experienciado em um espaço (casa), cuja trama – enredos sobre o isolamento/distanciamento social – atribuiu sentidos conferidos à vida em um cenário singular (pandemia).

A pandemia da covid-19 afetou a vida humana em 2020/2021 e, ainda hoje, exige cuidados para conter a disseminação do vírus e suas

¹ Esta pesquisa demarca um objeto instituído pela relação de uma tríade que entrelaça memórias – individuais, coletivas e subterrâneas ou marginais –, expressões identitárias e narrativas sobre acontecimentos, vivências, experiências que compõem as histórias vividas por grupos diversos de sujeitos sociais em múltiplos contextos geográficos, evidenciando acervos experienciais, os quais comportam o repor-

tório de vivências e as experiências que compõem o mosaico de memórias e de histórias narradas pelos colaboradores da pesquisa em seus contextos de vida.

imprevisíveis consequências. No momento da eclosão da pandemia, as principais medidas de proteção foram o isolamento/distanciamento social, adoção do uso de máscaras faciais, a constante higienização das mãos, braços, objetos, produtos, alimentos e ambientes físicos. Assim, as atividades presenciais das instituições precisaram ser paralisadas, dentre elas, destacam-se as escolas e universidades. Por conta do elevado número de mortes decorrentes da covid-19 e da ausência de uma vacina que combatesse a doença, naquele momento, o Conselho Nacional de Educação (CNE) do Brasil aprovou a adesão do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para o retorno das aulas nas instituições educacionais públicas e privadas.

Após a pausa movida pela incredibilidade do contexto da pandemia e suas imposições e o início do ERE na UNEB e nas escolas, o grupo de pesquisa Geo(bio)grafar realizou encontros *on-line*, cujo objetivo foi compartilhar as experiências do vivido nesse devir, no formato de cartas.

Em uma manhã de um sábado, no começo de julho de 2020, após uma pausa, realizamos um encontro virtual, com os membros do referido grupo. A intenção foi buscar saber como estavam todos diante do inesperado e intrigante contexto pandêmico. Muitas foram as narrativas sobre as situações vividas, sobre adoecimento, medo, insegurança e os desdobramentos da doença – alguns já tinham sido atingidos pelo vírus.

Após ouvir as histórias narradas, eu, a líder do grupo, apresentei a proposta do projeto de extensão, intitulado “Vida e pandemia: narrativas em quarentena”. A intenção didático-afetiva foi promover momentos de escuta das histórias dos outros (colegas do grupo), na perspectiva de amenizar os sentimentos, acolher e, talvez, nos ajudar.

Compreendi que, naquele momento, narrar e ouvir, refletindo sobre os modos como cada

um experienciava a situação era uma possibilidade de ressignificar, através de suas narrativas, aquele momento insólito, criando estratégias para (re)inventar-se e dá outros sentidos à vida, mediante os impactos da pandemia na vida cotidiana – rotina pessoal, de trabalho e de estudo (*home office*) –, seria uma possibilidade de amenizar os efeitos do isolamento social e da onipresença invisível e ameaçadora do vírus em nossas vidas. Assim, a partilha de histórias, por meio do ambiente virtual, aconteceu durante o segundo semestre de 2020, nos encontros quinzenais, sempre aos sábados, das 9h às 13h.

Com a intenção de atender ao convite da coordenação do X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), a escrita deste texto, vinculada à mesa temática “Narrativas digitais, culturas e (re)invenções de si”, versa sobre a vida e suas necessárias reinvenções em tempos pandêmicos. Trata-se de uma narrativa sobre uma experiência formativa/formadora, a qual será apresentada a partir da próxima seção.

As cartas e suas histórias: escritas de um tempo

“Cada experiência encontra seu lugar e adquire seu sentido no seio da forma construída pela qual o homem representa, para si mesmo, o curso de sua vida”

(Delory-Momberger, 2008, p. 58).

Como (re)inventar a vida em tempos adversos? Como pensar e criar estratégias para viver diferentemente? Como aprender a pausar a vida, de modo abrupto, sem aviso prévio e/ou momentos de adaptação? Como enfrentar o desconhecido? Como compreender a dimensão da existência humana em um contexto assustador? Como reinventar o cotidiano e os modos de viver na pandemia? Essas foram questões que atravessaram a nossa existência no período da pandemia da covid-19.

No começo do ano de 2020, populações de todo o mundo foram surpreendidas pelo fenômeno da pandemia. E o que mais nos inquietava o fato de ter que lidar com o desconhecido em um contexto de incertezas e indignação, sem saber como fazer. Pausar os modos nos diversos contextos socioespaciais foi necessário. E agora, como fazer diferente? Como lidar com uma situação até então improvável de conviver? Por que narrar experiências em tempos pandêmicos?

Essas e outras questões permearam os nossos dias e noites quando fomos intimados ao isolamento/distanciamento social por causa da pandemia da covid-19. E algumas possíveis respostas para essas perguntas fazem parte de uma proposição de investigação-formação, ancorada na escrita narrativa em formato de cartas, vinculadas aos projetos e à pesquisa anteriormente mencionados. O projeto de extensão teve como objetivo criar um espaço-tempo virtual para a partilha de histórias entre os membros do grupo de pesquisa *Geo(bio)grafar*, sobre a vida e as experiências no contexto do isolamento/distanciamento social e sobre o combate à covid-19. Conforme a proposição do projeto – inicialmente o de extensão –, os participantes foram orientados a narrar acerca das repercussões da pandemia e do *lockdown* em sua vida cotidiana, seja pessoal, na rotina de trabalho e estudo (*home office*), a partir das narrativas orais apresentadas nos encontros quinzenais.

Cada narrativa mobilizava outras tantas, cujas histórias se entrecruzavam, criando um mosaico de vivências e experiências. Sentíamos atravessados pelas histórias do outro. Dividíamos angústias e questionamentos e nos aproximamos, mesmo na convivência virtual, de cada colega, e laços outros foram criados. Esse formato de encontros foi tão bem acolhido pelo grupo que resolvi sugerir uma nova proposta, com o intuito de eternizar as histó-

rias narradas, “[...] pra ficar na memória e nos acompanhar”, como versejou Marisa Monte (2011), na canção “Depois”. Assim nasceu a proposição de grafar as narrativas orais autobiográficas no formato de carta, cujo principal objetivo foi tematizar vivências e experiências no devir da vida, marcada pela pandemia.

A tessitura da proposta do projeto de pesquisa “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia” foi um desdobramento do projeto de extensão “Vida e pandemia: narrativas em quarentena”, ancorado em uma tríade, a saber: escrita e socialização de cartas autobiográficas; leitura das cartas escritas e enviadas – cada membro escreveu uma carta e encaminhou via *e-mail* e/ou WhatsApp para os demais –; e socialização da experiência de leitura e reflexão da carta do colega – todos receberam as cartas, mas só um colega tinha a incumbência de apresentar a carta selecionada – nos encontros aos sábados.

Nesses encontros matinais (quinzenais) virtuais, intitulados “Café, prosa e narrativas”, aconteceram a leitura das histórias e os diálogos sobre o vivido, sobre os fatos e os sentimentos que atravessavam as situações experienciadas e narradas nas cartas. Para dar conta dessa dinâmica, foi organizada uma agenda, em que um membro-leitor apresentaria a escrita do membro-escritor. Após as apresentações, dialogávamos sobre as singularidades e recorrências presentes nas escritas e como cada leitor compreendeu as vivências compartilhadas pelo escritor.

Com as cartas em mãos (fonte), a pesquisa foi fundamentada nas seguintes questões: 1. Como têm vivido os membros do Grupo de Pesquisa *Geo(bio)grafar* durante a pandemia? 2. Quais impactos têm causado a pandemia na vida desses sujeitos? 3. Quais estratégias têm sido adotadas para superar ou minimizar os impactos – físicos, emocionais, sociais – causados pela pandemia da covid-19 no cotidia-

no da vida? 4. Como os membros do Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar têm experienciado práticas de enfrentamentos do coronavírus e da covid-19 numa situação social comum: a quarentena? 5. Quais aprendizados se entrecruzam nesta (ou emergiram desta) situação da quarentena com impactos na vida profissional e/ou de formação? (Portugal, 2020b, p. 3)

O projeto “Isolar para viver: narrativas em tempos de pandemia” (Portugal, 2020b) demarcou a intenção de colocar a centralidade nos sujeitos que narram a vida – professores e professoras da universidade e da escola e estudantes da graduação e da pós-graduação –, na condição de autores-atores e narradores-protagonistas de suas histórias de vida em um contexto espacial e temporal específico.

Escutar um colega narrando sobre a experiência de ler a carta do outro, destacando os eventos mais marcantes e os modos como o escritor experienciava e vivenciava a situação pandêmica e suas consequências, possibilitou a nós, os leitores²/ouvintes, refletir sobre a reinvenção da vida. Nesse contexto, “[...] a narrativa aparece como a manifestação mais significativa dessa escritura do vivido” (Delory-Momberger, 2012, p. 42), permitindo-nos apreender modos outros de ser, sentir, apreender e compreender a realidade vivida naquele momento, que era diversa, dependendo das situações – físicas e psíquicas – de cada participante do projeto.

As narrativas dos membros do grupo retratavam situações que evidenciavam a ruptura da rotina, as dores, as tensões, os medos, as angústias e suas consequências na tessitura da vida nesse inédito contexto da vida. Há também relatos de estratégias de enfrentamento adotadas em sua rotina laboral e de formação, durante o ERE, assinalando reflexões, inquietudes

e repercussões em uma nova configuração de vida e trabalho docente, imposta e necessária para salvaguardar nossas vidas e dos demais.

A escrita de cartas foi um importante exercício que mobilizou a necessidade de, conforme destaca Abrahão, “[...] desvelar-se, revelando-se”, uma vez que, ao narrar-se “[...] o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (Abrahão, 2004, p. 202), socializando vivências, narrando episódios, anunciando desejos.

Participaram das propostas: 13 professores(as) da UNEB e da Educação Básica; 13 estudantes da pós-graduação e quatro estudantes da graduação em Geografia. Contudo, para compor a escrita deste texto, selecionei duas cartas – uma de um professor que atua na Educação Básica e na Universidade – e uma de um estudante da pós-graduação, as quais compõem a coletânea *Isolar para viver: grafar, narrar e reinventar a vida* (Portugal et al., 2022).

Importante destacar que “as narrativas não são apenas um constructo individual, adquirem real significado quando situadas no contexto histórico, sociopolítico-econômico e cultural” (Abrahão, 2011, p. 166). E construir um sentido das experiências no contexto da pandemia foi um grande desafio, talvez, um ato de existir, de reafirmar a nossa existência, mediante as condições impostas.

O texto encontra-se organizado a partir de dois episódios, os quais dialogam entre si e comportam narrativas sobre as experiências no contexto pandêmico e suas reverberações nos modos de ser e viver durante o período do *lockdown* imposto pela pandemia da covid-19. O primeiro comporta as narrativas de um professor que atua na Educação Básica e na formação de professores de Geografia, no Colegiado do curso de licenciatura de Geografia, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, *campus V*, na cidade de Santo

2 Todos tinham a incumbência de realizar a leitura das cartas, mas só um era responsável para sua socialização via a plataforma digital.

Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano. Solteiro, o professor Hanilton Ribeiro de Souza mora com os seus pais, na cidade de Castro Alves, onde exerce a docência em uma escola pública estadual de Ensino Médio.

O segundo episódio versa sobre as experiências narradas pelo estudante de pós-graduação, José Marcos Silva Ribeiro, professor licenciado em Geografia pela UNEB, *campus XI*, localizado na cidade de Serrinha, no território de Identidade do Sisal. Na ocasião da realização das atividades vinculadas aos projetos, José Marcos iniciava os estudos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais na UNEB, *campus Salvador*. Ele vive com a sua família em uma comunidade rural, no município de Barrocas, no seminário baiano.

Vale ressaltar que a singularidade da escrita epistolar dos remetentes comporta múltiplas narrativas que apresentam cenas da vida e, ao descrevê-las, os autores atribuem sentidos e significados ao vivido no devir da pandemia. Essas e outras questões são expostas nas próximas seções.

Episódio 1: Ser professor(a) no contexto pandêmico: registros

A intenção, ao contemplar esse episódio, por meio da leitura e análise das cartas, é colocar em cena os modos como o professor Hanilton Ribeiro de Souza descreveu a sua rotina e as condições de trabalho – na universidade e na escola – no período de reclusão domiciliar, destacando as condições impostas pela implementação do ERE.

Ao trazer a leitura e análise das cartas, iniciamos com o primeiro episódio com o professor Hanilton Ribeiro de Souza, em cena, para descrever sua rotina e as condições de trabalho – na universidade e na escola –, no período de reclusão domiciliar, destacando as condições impostas pela implementação do ERE.

Intitulada “2020: o ano que passei em casa: conectado e criando outras territorialidades”, a carta do professor Hanilton comporta, na seção inicial, nomeada “Para começo de conversa...”, uma epígrafe com um fragmento do poema “A liberdade é a possibilidade do isolamento”, de Fernando Pessoa da obra *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*, o qual versa sobre liberdade como possibilidade de isolamento. Ao fazer referência ao texto de Pessoa (1982), o professor, autor-ator e narrador-protagonista, faz inferência sobre o contexto vivido no momento da escrita da carta, entrecruzando com o pensamento do literato português, ao destacar:

Trago como epígrafe desta seção um trecho do poema de Fernando Pessoa (1982), que cabe para refletir sobre a pandemia e as relações socioeconômicas vivenciadas neste período, quando o isolamento social, por conta da pandemia covid-19, tem salvado vidas e propiciado outras formas de relação entre as pessoas, além de possibilitar a criação de novas espacialidades e territorialidades nos espaços próximos e virtuais.

Pessoa (1982) conduz a algumas reflexões importantes sobre o isolamento social e, principalmente, sobre a condição socioeconômica de quem teve/tem como fazê-lo ou não, pois, segundo o poeta, poucos são realmente livres. A maioria da população é ‘escrava’ moderna e não teve o direito e/ou escolha do isolamento social, continuando a trabalhar e colocando em risco a sua vida e a dos demais membros da família, a fim de assegurar o seu sustento (Souza, 2022, p. 61-62).

A carta desse professor contextualiza a situação vivida e faz referência à condição laboral no contexto pandêmico, destacando as mudanças nos modos de experienciar a docência e apontando as condições do trabalho remoto, classificando como exaustivo e sem horários determinados. Contudo, ao refletir sobre o contexto, ainda ancorado no excerto do texto de Pessoa, o professor sinaliza que, diferente-

mente de outros(as) profissionais, nós, profissionais da educação, tivemos o “privilegio” de nos isolar em casa, com proteção e sem uma exposição ao vírus, conforme excerto da sua narrativa a seguir:

É preciso ressaltar que, no que tange o isolamento social, nós, professores, apesar de não termos, por grande parte da sociedade e do poder público, o devido reconhecimento em relação ao trabalho remoto (*home office*) – mais extenuante e sem horários determinados – ainda pudemos nos isolar e proteger. Contudo, quantas profissões, seja pela necessidade social e/ou pela ganância e irresponsabilidade dos patrões, que pressionaram os governos locais e regionais para abolir e/ou diminuir as medidas restritivas de isolamento e proteção, não tiveram a chance de se isolar para sobreviver (Souza, 2022, p. 62).

Outra questão que emerge da escrita do professor comporta uma reflexão sobre as imposições do isolamento/distanciamento social, ao ressaltar a falta de reconhecimento de parte significativa da sociedade e do poder público dos desafios do *home office*.

Em seguida, o professor Hanilton sinaliza aos(às) leitores(as) a sua intenção ao escrever sobre o vivido, ressaltando a intencionalidade da sua narrativa. Vejamos:

[...] tenciono narrar e refletir sobre as trajetórias que vivenciei durante os anos de 2020 e 2021: o isolamento, novas territorialidades cotidianas, reconfiguração das fronteiras do corpo e da casa, novas atividades cotidianas e mudanças nas relações sociais desencadeadas pela pandemia do covid-19. Além disso, procuro refletir como as medidas sanitárias adotadas pelos governos locais e estaduais criaram territorialidades no espaço vivido, criando restrições de circulação, alterando a mobilidade urbana, a comercialização de mercadorias, o funcionamento de estabelecimentos e instituições, bem como a realização de eventos sociais, culturais, religiosos e políticos, dentre outras limitações. Enfim, narrar e refletir sobre a ciência e pandemia: Geografia e covid-19, tendo em vista que

as medidas restritivas que fizeram redefinir fronteiras corporais e espaciais, construir novas territorialidades pessoais e coletivas, reduzir a espacialização dos lugares, cumprir novos horários, rotinas e protocolos de segurança, bem como utilizar outras formas para trabalhar, interagir e se divertir – utilizando-se cada vez mais das redes sociais digitais e das plataformas de videoconferência –, foram e são redefinições espaciais do corpo, da casa, rua, bairro, cidade, país e do planeta (Souza, 2022, p. 63).

O conteúdo da carta do professor entrelaça a sua condição profissional – professor de Geografia na Educação Básica e professor formador no âmbito da Universidade – com o panorama pandêmico, entrecruzando questões da vida cotidiana com as dimensões políticas e sociais no contexto mundial, ao mencionar a imposição de experienciar novas territorialidades no espaço vivido e limitações com as restrições de circulação e mobilidade urbana, o processo de comercialização de mercadorias, as mudanças no atendimento e funcionamento de estabelecimentos e instituições, e a organização e realização de eventos. Como ele mesmo destacou, era preciso “[...] narrar e refletir sobre a ciência e pandemia: Geografia e covid-19”.

Contudo, a proposição da escrita narrativa não foi acolhida de imediato, conforme sinalizado:

Quando recebi a proposta de narrar sobre o período da pandemia, confesso que, inicialmente, relutei. Talvez devido ao estresse e ansiedade vivenciados e não superados ou por ainda não ter conseguido apreender plenamente as consequências da pandemia e das ações governamentais sobre minha vida e dos demais, pois um outro mundo foi deixado para trás em março de 2020 e, agora, fala-se em se viver sob a égide de um ‘novo normal’, com novas regras, protocolos, relações sociais e de trabalho (Souza, 2022, p. 65).

No entanto, como pesquisador no campo da pesquisa narrativa, utilizando-se do méto-

do (auto)biográfico nas suas práticas docentes, na escola e na universidade, o professor Hanilton compreendeu a relevância da proposta e superou a relutância inicial, aderiu à proposição do projeto e escreveu uma carta. Sobre a resistência inicial e a adesão ao convite, ele narrou:

[...] percebi que as narrativas poderiam propiciar uma melhor compreensão deste mundo e cotidiano pandêmicos. Além disso, percebia que as consequências espaciais da pandemia eram geográficas. E a Geografia é minha paixão! Dessa forma, vi a oportunidade das narrativas como fator pedagógico (autoconhecimento, autoformação e emancipação), como também investigativo (aprofundar reflexões e análises com auxílio de teóricos), a fim de melhor compreender as inter-relações entre a pandemia, as medidas sanitárias e as reconfigurações espaciais e pessoais. Assim, de uma forma subversiva à proposta inicial, apresento uma carta com narrativas e teorizações sobre o ser, viver, atuar e se relacionar no/do/com o espaço geográfico durante uma pandemia (Souza, 2022, p. 63-64).

Esse excerto da carta do professor Hanilton reforça a compreensão de Nóvoa (1995, p. 17), quando afirma que “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. E, assim, a escrita do professor entrelaça essas duas dimensões que compõem o seu modo de ser e estar no mundo. E, mais uma vez, recorro às reflexões de Nóvoa, quando destaca que, “aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam com a maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser” (Nóvoa, 1995, p. 17).

Em outro fragmento da sua escrita, o professor Hanilton justifica o seu aceite em participar do projeto de extensão e, posteriormente, da pesquisa vinculada ao grupo, ao afirmar que,

[...] as narrativas (auto)biográficas podem auxiliar no processo de reflexão sobre si mesmo,

sobre as relações com outro e sobre o mundo, como realmente aconteceu a partir do momento que me predispos a refletir e narrar os processos que vivi/vivo nesta pandemia. [...] Dessa forma, narrar e interpretar o curso de minha vida neste período temporal propiciou um processo de reflexão, autoconhecimento e autoformação, que me auxiliou a intervir na realidade e mundo pandêmicos, a partir das ressignificações de fatos, controle das emoções e reconfigurações de si. [...] narrar este período histórico, as mudanças e contradições geradas na sociedade e espaço geográfico, e que impactam diretamente na minha vida e dos demais, decerto propiciou uma melhor percepção de como a vida, o cotidiano, o espaço e as relações socioeconômicas estão sendo afetadas e modificadas (Souza, 2022, p. 64).

A trama narrativa tecida na escrita da carta do professor Hanilton é recheada de entrelaçamentos entre o vivido, questões e conceitos da Geografia, atravessados por temporalidades e espacialidades distintas, marcadas pelas experiências cotidianas nos cenários da pandemia. E, na dimensão pessoal, sobre as mudanças impostas pela disseminação do novo coronavírus no país e as medidas de segurança, ele narrou:

[...] a partir de março de 2020 [...], passo a viver, juntamente com milhões de brasileiros, uma inédita rotina de isolamento, saídas à rua com protocolos de segurança, controle das fronteiras da casa e do corpo e de redefinição das espacialidades e territorialidades na/da cidade, neste caso – Castro Alves, situada no Recôncavo da Bahia.

Os protocolos de segurança e proteção contra o novo coronavírus não apenas alteraram as minhas relações sociais, mas, sobretudo, os meus processos espaciais na casa, rua e cidade, pois, na maioria das vezes, o uso e a apropriação dos espaços públicos e privados (clubes, igrejas, feiras livres, estabelecimentos comerciais, escolas, indústrias, dentre outros) foram regulados e tornaram-se restritos a poucas pessoas. Com isso, as espacialidades e territorialidades construídas nestes espaços foram alteradas,

suprimidas e/ou suspensas por determinado período. diária e angustiante de me proteger e também aos demais.

[...]

Como tenho pais idosos, tive que modificar as rotinas: impedir de irem à rua, ao banco, à igreja, à feira livre, à casa dos amigos e parentes, além de recomendar o isolamento total, como as visitas de parentes e amigos, inclusive de irmãos e cunhados que trabalhavam no comércio e serviços médicos, e dos netos (crianças), devido à probabilidade de contágio (Souza, 2022, p. 66-68).

Essa nova configuração da vida, imposta pelo isolamento/distanciamento social causado pela pandemia do coronavírus, estabeleceu espacialidades e territorialidades específicas, tanto em relação ao corpo, quanto à casa, à rua e a outros espaços públicos e privados, a fim de garantir uma determinada “proteção” contra o vírus e suas consequências. Dessa forma, especializar e territorializar o prédio, a rua, o bairro, a cidade e seus múltiplos espaços foi trocado por outras espacializações e territorializações, agora, no mundo virtual, como é destacado no excerto a seguir:

[...] reduziu a minha espacialização e a territorialização do lugar, o que ocasionou a ampliação e o aprofundamento das atividades digitais: trabalho (*home office*), comércio e serviços (*e-commerce* e *delivery*), educação virtual (aulas, cursos e atividades síncronas e assíncronas), lazer (*games*) e comunicação (redes sociais, videoconferências etc.) –, anteriormente, atividades e recursos, mais utilizados, de forma geral, por determinadas parcelas da população, como as gerações Y e Z (Souza, 2022, p. 73).

Para além das modificações nos modos de viver, intensificando as atividades digitais, desde a compra de um produto até as obrigações profissionais, decorrentes das restrições impostas, o professor Hanilton sinalizou na sua escrita epistolar que as novas situações que marcavam os seus dias não impuseram

apenas mudanças “[...] sociais e espaciais, mas também psicológicas, pois desencadearam processos de ansiedade, medo, angústia, inclusive com retorno das crises de asma que havia superado há algum tempo, mas que retornam sempre que a ansiedade se agrava” (Souza, 2022, p. 67).

No período da pandemia, foi registrado um aumento dos sintomas de doenças psíquicas e o professor Hanilton sinaliza nesse excerto da sua narrativa, como o isolamento social, a sobrecarga de trabalho, o crescente número de mortes e as incertezas causadas pelo cenário da crise sanitária desencadearam um sofrimento psicológico, marcado por momentos de ansiedade, medo, angústia e problema respiratório (crises de asma) até então sob controle.

E para lidar com essa situação, o professor adotou estratégias para reorganizar a sua rotina reconfigurando os seus territórios e espaços, vigiando as fronteiras do corpo e da casa:

[...] em 2020 e 2021, reinventei a vida a partir de casa. Isolado, protegido e conectado, reestruturei meu cotidiano: fronteiras, territórios, espacialidades e territorialidades, a partir da nova realidade que se impunha. Não foi tarefa fácil, mas confesso que a Geografia e abordagem (auto)biográfica, respectivamente, têm sido essenciais para melhor apreensão destas transformações, tanto pessoais, quanto socioeconômicas e espaciais, auxiliando, assim, na (re)leitura de si, do outro, do lugar e do mundo. (Souza, 2022, p. 79)

Primeiramente, as primeiras fronteiras que mais vigiei e protegi foram as da casa e do corpo, tendo em vista a necessidade de impedir a entrada do vírus nestes espaços, seja através do ar ou do contato com outras pessoas. [...] Nesse sentido, o uso de máscaras, o distanciamento social e espacial, uso do álcool em gel para higienizar as mãos e mercadorias, tornou-se uma rotina para evitar a contaminação, tanto minha, que possuo asma, quanto dos meus pais idosos.

[...] Assim, fronteiras e novas territorialidades materiais e rituais foram criadas em relação ao corpo e, especialmente, à casa, numa tentativa diária e angustiante de me proteger e também aos demais (Souza, 2022, p. 67).

No âmbito da dimensão profissional, a rotina foi bruscamente modificada por intermédio da publicação do Decreto nº 19.529, de 16 de março de 2020, estabelecido pelo governo do estado da Bahia, e pela Resolução do CNE/CP nº 02, de 10 dezembro de 2020. Com a publicação do referido decreto, as aulas presenciais foram suspensas e outros modos de “docenciar” foram sendo gestados, praticados e apreendidos com a experiência. Sobre essa questão, o professor Hanilton narrou:

Quando as escolas fecharam e o transporte intermunicipal foi suspenso pelo governo estadual baiano, na segunda quinzena de março de 2020, percebi que vivenciaria algo muito diferente de tudo aquilo que já tinha experienciado, ou seja, uma guerra contra algo hostil e invisível, e que ameaçava minha vida, dos meus entes queridos, amigos e demais pessoas [...] (Souza, 2022, p. 68).

O retorno das atividades docentes aconteceu em um formato, até então, não praticado por nós professores que não atuamos na docência na modalidade da educação a distância. Essa nova configuração do trabalho docente, nesse novo cenário, demarcado por outras temporalidades e territorialidades, também foi uma questão que emerge na escrita da carta do professor Hanilton.

É preciso salientar que já possuía determinadas competências e habilidades ligadas ao uso das redes sociais. Porém, tive que aprofundar tais conhecimentos, a fim de utilizar de forma plena as funções de cada aplicativo e redes sociais, a fim de garantir a execução de tarefas em home office, como reuniões, eventos, cursos, aulas, dentre outras atividades. Nesse processo, realizei cursos on-line, assisti lives e vídeos explicativos como utilizar determinadas ferramentas

digitais para ministrar aulas ou realizar videoconferências, bem como adquirir alguns equipamentos para transformar meu quarto no meu escritório e sala de aula (Souza, 2022, p. 74-75).

Embora alegasse que já possuía determinadas competências e habilidades ligadas ao uso de dispositivos virtuais de comunicação e informação, sobretudo, as redes sociais, a imposição do ERE não foi algo fácil de ser concebido e desenvolvido, conforme o excerto da sua narrativa.

Destaco que ministrar aulas ou realizar uma *live* ou discussão on-line não se constituíram numa tarefa fácil, à medida que geraram, inicialmente, desconforto, estresse e nervosismo, especialmente pela frieza de estar só no ambiente físico, em frente a uma câmera de computador ou *smartphone*, sem o contato sensorial ou o *feedback* existente num ambiente físico, como a sala de aula. Além disso, não tenho muita afeição com câmeras e gravações (Souza, 2022, p. 75).

E, nesse processo de maior interação com as plataformas digitais, no âmbito das atividades laborais, de estudos e de lazer, o professor Hanilton sinaliza que aguçou a sua percepção sobre o mundo virtual, inferindo que,

[...] além das territorialidades impostas pelas empresas criadoras destes aplicativos digitais, estes territórios virtuais também exigiam a criação de novas territorialidades, como as regras para a participação nas aulas on-line ou videoconferências: desligar áudio e/ou câmera, levantar a mão para se expressar ou opinar, escrever dúvidas, críticas e/ou sugestões no chat do aplicativo, dentre outras ações.

Enfim, mesmo isolado em casa, a fim de me proteger do vírus, ampliei e fortaleci a conexão digital com outros lugares e territórios, interagindo com amigos, familiares e colegas de trabalho, bem como explorando territórios virtuais, ferramentas digitais e criando territorialidades, seja através do uso e aplicação de novos dispositivos de comunicação ou por meio do melhor conhecimento e apropriação dos territórios vir-

tuais existentes nas redes sociais, aplicativos e/ou programas digitais (Souza, 2022, p. 75).

Na seção que finaliza a sua escrita, esse professor se apropria de uns versos do poema “Reinvenção”, de Cecília Meireles (2001, p. 411), “[...] Mas a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada [...]”, para grafar as suas últimas reflexões sobre o vivido, evidenciando a sua maneira singular de existir e ser no mundo. No mais difícil momento do contexto pandêmico, o narrador, colaborador participante desse projeto de investigação-formação, ressalta que fez uma escolha teórico-epistemológica e metodológica, ao cruzar as suas experiências e ponderações com os teóricos da Geografia, intentando contextualizar de que forma a pandemia reterritorializou as nossas ações cotidianas, desde os limites do corpo, da casa, da cidade e do mundo. Além disso, o professor faz referência, mais uma vez, à relevância do ato de narrar sobre o vivido, cujo exercício coloca em evidência a potencialidade do processo de geo(bio)grafização, o qual, Portugal (2013), ancorada nos estudos de Delory-Momberger (2012), compreende como “um modo subjetivo de pensar as escritas sobre as nossas relações e experiências com e nos lugares, ao longo da nossa existência, da nossa vida” (Portugal, 2013, p. 228). E essa compreensão da “[...] dimensão do espaço enquanto componente da experiência e elemento constitutivo dos processos de biografização” (Delory-Momberger, 2012, p. 65) emerge na sua escrita, ao destacar como as narrativas desse momento peculiar e insólito auxiliaram no processo de autoconhecimento e compreensão da realidade:

Ao finalizar a tessitura desta carta, [...] ressaltou a importância de narrar sobre este período, não apenas para apreender melhor a realidade, mas, principalmente, para refletir sobre as influências na minha trajetória de vida e formação, tendo em vista que toda crise, mudança ou transição provoca reconfigurações no sujeito e,

consequentemente, modifica as leituras que ele faz de si mesmo, do outro e do mundo (Souza, 2022, p. 76).

Nesse sentido, o ato de narrar constituiu-se, possivelmente, para o professor Hanilton, na sua escrita, como um *espaço-tempo* ou um singular e simbólico “[...] lugar onde a existência humana toma forma, onde ela se elabora e se experimenta sob a forma de uma história” (Delory-Momberger, 2012, p. 40), desvelando, assim, experiências socioespaciais que apontam para uma geo(-BIO)grafização³ da vida, da formação e da profissão, em tempos pandêmicos.

No último parágrafo da sua escrita, o momento da despedida é retratado por mais uma reflexão sobre os momentos vivenciados:

Por fim, em 2020 e 2021, reinventei a vida a partir de casa. Isolado, protegido e conectado, reestruturei meu cotidiano: fronteiras, territórios, espacialidades e territorialidades, a partir da nova realidade que se impunha. Não foi tarefa fácil, mas confesso que a Geografia e abordagem (auto)biográfica, respectivamente, têm sido essenciais para melhor apreensão destas transformações, tanto pessoais, quanto socioeconômicas e espaciais, auxiliando, assim, na (re)leitura de si, do outro, do lugar e do mundo (Souza, 2022, p. 79).

E assim, entre fronteiras, territórios, espacialidades e territorialidades, o professor Hanilton Ribeiro anuncia que foi preciso reinventar a vida.

3 “A geo(BIO)grafização, grafia da vida, modo de apreensão, narração e interpretação das experiências vividas a partir da concepção, percepção e apropriação do lugar, cenário-referência, onde são construídas a cartografia das experiências singulares e plurais, cuja narração dos enredos das histórias acontecem e onde, também, se desenrolam os saberes profissionais e as práticas sociais dos professores, configura-se como uma maneira singular de ‘[...] explorar as formas e operações segundo as quais os indivíduos *biografizam* suas experiências’ (Delory-Momberger, 2012, p. 185) e tematizam acontecimentos a partir do lugar onde as histórias foram vividas, narradas e interpretadas” (Portugal, 2013, p. 229).

Episódio 2: Ser estudante em tempos de pandemia: testemunhos

“Entre angústias e esperanças: no viver tudo cabe” foi o título escolhido pelo estudante José Marcos Silva Ribeiro para nomear a sua escrita epistolar, cujas linhas iniciais comportam uma epígrafe, um fragmento de um poema de Manoel de Barros (2003, p. 33). Vejamos:

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando nossos limites.

Ao justificar a escolha do excerto da poesia do poeta pantaneiro, o estudante José Marcos faz analogia ao momento vivido, sinalizando que,

[...] ao fazer uma ponte com o pensamento do poeta das coisas ínfimas, Manoel de Barros, [...] percebo também que uma maneira de reduzir esse isolamento em que nos colocou o novo coronavírus é realmente colocando ‘enchimento nas palavras’, numa ligação para os amigos, nas mensagens trocadas no *WhatsApp*, nos afetos que podemos manifestar com os que nos cercam e dividimos esse momento e, também, com aqueles que faziam parte do nosso cotidiano e que agora estão geograficamente distantes. Lembrar o vivido para me fortalecer e esperar dias melhores mesmo diante de um cenário nebuloso tornou-se uma estratégia que tenho empreendido para resistir (Ribeiro, 2022, p. 113-114).

Há, nesse excerto da escrita do estudante, uma trama de entrelaçamentos que desvela situações sobre um tempo marcado por experiências que mobilizaram memórias e a adoção de uma estratégia para, conforme destacou o narrador, resistir “diante de um cenário nebuloso”.

O autor-ator/narrador-protagonista sinaliza nas entrelinhas que, para refletir sobre o

panorama que se materializava no cotidiano da vida em tempos pandêmicos, foi necessário fazer um exercício memorialístico sobre a sua “condição de cidadão-professor-geógrafo antes e durante este processo”. Alega que havia traçado objetivos e planos para o ano de 2020, mas em decorrência da pandemia e do isolamento social, alguns foram abortados e outros sofreram mudanças e ressignificações.

Ao revisitar as memórias recentes, o estudante José Marcos se reporta ao dia 1º de outubro de 2019, para descrever um rito de passagem, o qual versa sobre um importante episódio da sua trajetória de formação. Trata-se do evento da defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado *Campo, cidade, urbano e rural: conceitos, representações e abordagens nos livros didáticos de Geografia*, a pesquisa intencionou analisar os modos com que as relações campo-cidade e urbano-rural são concebidas em uma coleção de obras didáticas de Geografia, Anos Finais, aprovada pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) (2017-2019), por meio da tríade conceitualização-representação-abordagem. Sobre essa experiência, ele narrou:

Final de 2019, muitas conquistas, travessias acadêmicas e muitos anseios para um futuro não tão distante... em 01 outubro desse mesmo ano, defendia o Trabalho de Conclusão de Curso e a avaliação positiva da banca examinadora me encorajava ainda mais a buscar viver outras experiências na academia, embora eu já estivesse na Pós-graduação *Lato Sensu*, queria alargar ainda mais os meus horizontes e com isso decidi submeter um projeto de pesquisa no processo seletivo do Mestrado Acadêmico em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – *campus I*. Em 26 de novembro coleí grau e me tornei oficialmente Professor Licenciado em Geografia, um marco na minha trajetória de vida, uma conquista que significa muito para mim. E finalmente em 13 de dezembro, depois de três etapas eliminatórias, a consolidação de um sonho: a aprovação no mestrado veio! En-

tão, diante o êxito nos planos que havia traçado para o futuro, tinha pressa de viver 2020 e me defrontar com o novo (Ribeiro, 2022, p. 114).

E o futuro chegou, mas com ele, mais uma obrigação formativa a cumprir acompanhada do inesperado, conforme excerto da escrita da sua carta.

Era janeiro de 2020 e antes de iniciar as aulas no mestrado, era necessário finalizar o curso de Especialização em Ensino de Geografia que eu fazia na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, assim, partimos pra Ilhéus (duas amigas e eu) como três retirantes (risos) do semiárido em direção ao sul da Bahia. O III e último módulo foi mais um momento de significativas aprendizagens e de boas vivências na terra de Gabriela. Passamos todo o mês de janeiro em aulas, finalizando as disciplinas do curso. Em fevereiro fizemos a entrega final do trabalho de conclusão de curso e em março deveriam acontecer as defesas... mas é aí que começa a desandar tudo (Ribeiro, 2022, p. 114-115).

Ao destacar as travessias – geográficas e formativas – realizadas do Sertão do Sisal para a cidade de Jorge Amado (Ilhéus), no sul da Bahia, no começo do ano de 2020, em companhia de duas colegas desde os tempos da graduação, José Marcos narra um importante episódio da sua trajetória de formação e sinaliza que os planos e as expectativas foram impactados. O começar “a desandar tudo”, expressão usada pelo escritor-narrador, talvez tenha tido a intenção de retratar uma situação momentânea que sinalizava impedimentos e necessárias mudanças, certamente, não delineadas e/ou desejadas. A causa desse “desandar” foi a pandemia e seus desdobramentos, sobretudo, a inesperada decretação do “fique em casa”.

Ao narrar sobre a imposta necessidade de “isolar para viver”, conforme excerto da narrativa a seguir, o estudante descreve o começo das mudanças bruscas impostas pelo até então incógnito vírus, a propagação do contágio e as estratégias de cuidados adotadas, bem

como as mudanças no contexto da vida.

Na segunda semana de março tornou-se necessário ‘isolar para viver’, pois um inimigo desconhecido assustava o mundo inteiro por conta da sua periculosidade. Assim, vários setores e áreas suspenderam suas atividades presenciais e nas universidades não foi diferente, logo, a defesa do meu trabalho de conclusão de curso da especialização agendada para o dia 18/03 foi suspensa até que a instituição pudesse pensar em uma estratégia para que a mesma acontecesse ou esperar que o cenário mudasse, pois naquele momento, não tínhamos dimensão de que a pandemia fosse durar tanto tempo (Ribeiro, 2022, p. 115).

Com o advento da pandemia e a imposição do isolamento/distanciamento social, as atividades acadêmicas foram interrompidas. A única alternativa foi aguardar o que estava por vir, na esperança de dias melhores. Contudo, as notícias veiculadas nos noticiários e nas redes sociais não eram nada animadoras, ao contrário, o cenário pandêmico em todo o mundo se apresentava, dia após dia, caótico, devastador e desafiador. A escrita de José Marcos historiciza essa situação, nos fragmentos do seu texto:

Março chega para fechar o verão e com ele os primeiros casos de covid-19 começam a surgir no Brasil e se espalhar por todo território de maneira rápida e assustadora. Mas o surgimento do vírus é anterior a isso, mais especificamente em Wuhan, na China, onde foi registrado o primeiro caso ainda no ano de 2019, [...] (Ribeiro, 2022, p. 116).

Nesse sentido, como era tudo muito desconhecido para a ciência e profissionais da saúde, em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elegeu o surto como uma pandemia e adotou como estratégia para tentar diminuir a disseminação do vírus, a recomendação de isolamento social (Ribeiro, 2022, p. 117).

Ao apontar as bruscas mudanças ocorridas por conta da necessidade do “isolar para viver”, a escrita dessa narrativa epistolar desta-

ca a gravidade da situação, a periculosidade do vírus, até então, desconhecido por nós, e as táticas adotadas para tentar afastá-lo do seu entorno ou amenizar as suas consequências. E, foi preciso criar uma rotina, a qual foi exposta nos trechos da sua narrativa.

Em um cenário catastrófico [...], busquei me ancorar nas atividades que gosto de fazer e que eram possíveis de serem realizadas no momento para (sobre)viver com um pouco mais de entusiasmo. Assim, além de me dedicar às leituras e atividades das disciplinas do mestrado já que, depois da pausa feita logo após a primeira e única aula presencial que aconteceu em 13 de março, retornamos de maneira remota em meados de abril, assisti e continuo assistindo *lives* – musicais e acadêmicas – para amenizar a saudade das festas e dos eventos científicos, apresentei e publiquei trabalhos em anais de eventos e em *e-book* e aproveitei esse cenário eminentemente rural no qual me encontro para muitas vezes me desconectar do mundo e me reconectar comigo mesmo através do contato com as ‘coisas miúdas’ (Ribeiro, 2022, p. 117).

[...] tenho buscado através das minhas escritas acadêmicas, dos meus registros fotográficos e da minha prática pedagógica evidenciar os meus modos de ser e estar no mundo a partir das minhas experiências no lugar de onde vejo o mundo. Daqui, do sertão baiano, quando se tornava/torna insuportável acompanhar todo esse caos, busco nas miudezas das coisas ínfimas maneiras outras de seguir (Ribeiro, 2022, p. 119).

Nesse devir, a crise epidemiológica se mostrava sucessivamente, assustadora, incontrolável, e sem precedentes ou perspectivas de melhoras imediatas. Diante desse cenário, o estudante José Marcos, como muitos de nós, foi reelaborando a sua rotina e criando estratégias para lidar com as adversidades daquele tempo e preencher os seus dias com práticas culturais – leitura, cinema, fotografia, *lives* musicais e acadêmicas, escrita e apresentação de trabalhos em eventos remotos – , conforme sinalizou: “[...], busquei me ancorar nas ativi-

dades que gosto de fazer e que eram possíveis de serem realizadas no momento para (sobre)viver com um pouco mais de entusiasmo”.

A pandemia chegou quando ingressava no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet), no *campus* I da UNEB, na capital do estado, na condição de mestrando. Após a primeira semana de aula, as atividades foram suspensas e só um mês depois, no formato remoto, reestabelece a sua rotina de estudos, reinventando a vida, marcada pelos momentos das aulas virtuais, palestras e *lives*.

Sobre o contexto, o mestrando José Marcos ressalta que, do seu lugar, no Sertão da Bahia, buscou nas “[...] nas miudezas das coisas ínfimas maneiras outras de seguir”. Assim, o narrador-personagem sinalizou que buscou nas suas escritas, na prática de cartografar a vida por meio das imagens do ato de fotografar e das atividades docentes, demonstrar os seus “modos de ser e estar no mundo”.

E justifica essas escolhas, a saber:

Não se tratava/trata de uma questão de ficar alheio ao que estava/está acontecendo, e sim, de uma tática utilizada para tentar manter o equilíbrio e a saúde mental diante de um cenário em que diariamente vidas são ceifadas e o medo de ser uma das próximas ou de perder um dos meus me toma a todo o momento. Concomitante a isso, as esferas da vida profissional e acadêmica seguiram num discurso/termo ridículo denominado de ‘novo normal’ no qual consigo enxergar tudo, menos a normalidade (Ribeiro, 2022, p. 120).

Quanto ao ato de escrever sobre o ocorrido, no formato de carta, José Marcos ressaltou que essa prática possibilitou acionar

[...] muitas memórias do vivido antes da pandemia e leva a constatação de que, embora pareça clichê, ‘éramos felizes e não sabíamos’. Quantos encontros adiamos, quantos momentos com a família e amigos abdicamos em nome de cumprir as demandas do trabalho, da vida acadêmica, do Lattes. Quantas coisas deixamos para depois. Talvez isso tudo possa deixar de li-

ção diante da fragilidade da vida que é urgente viver (Ribeiro, 2022, p. 115).

Para o estudante José Marcos, a pandemia e o isolamento/distanciamento social causaram muitas frustrações, marcadas pela necessidade de adiar a realização de desejos, interromper sonhos protelar planos diversos, inclusive, de vivenciar a formação acadêmica no âmbito do Proet, de modo presencial. Essas limitações marcaram esses tempos, mas a sua condição de estudante foi ressignificada com a proposição de formação a distância. Muitas proposições de encontros acadêmicos foram realizadas no formato remoto, desde as aulas no mestrado, perpassando pelos momentos de orientação e participação em eventos. As plataformas digitais se constituíram um importante e, talvez, não tão adequado, *espaçotempo* de formação e interação social mediados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs).

Nesse percurso de formação no modo remoto, José Marcos narra sobre uma experiência, a qual assinala a sua participação em um importante evento nacional.

Incentivado pela Professora Jussara Portugal, no início de fevereiro, submeti um trabalho ao XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE. Estávamos com muitas expectativas de vivenciarmos este evento juntos, e, claro, de aproveitar a Cidade Maravilhosa, infelizmente não foi possível, mas ainda que de forma remota participar e apresentar trabalho no referido evento foi muito importante para mim, sobretudo por se tratar de um recorte da pesquisa que desenvolvi na graduação que discute as concepções de campo e cidade apreendidas nos livros didáticos de Geografia utilizados em Biritinga, município onde moro, de onde vejo o mundo e que busco dar visibilidade através das minhas pesquisas (Ribeiro, 2022, p. 119).

Ao passo que apresenta uma situação experienciada no campo da formação docente, no evento virtual XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe), destacando a

relevância de apresentar um trabalho, o qual versou sobre a pesquisa realizada no âmbito da licenciatura em Geografia, cujo principal objetivo foi analisar as concepções de campo e cidade apreendidas nos livros didáticos de Geografia utilizados em Biritinga, José Marcos grafou, por escrito, o seu desapontamento com a impossibilidade de vivenciar presencialmente as ações do mencionado evento e, também, a possibilidade de conhecer a “Cidade Maravilhosa”.

Ainda sobre a sua trajetória de formação, José Marcos seguiu narrando, após quase um ano em isolamento social, sobre a inédita experiência de estudar por meio de aparatos tecnológicos de comunicação e informação e ressalta o cansaço, físico e mental, uma das consequências da pandemia da covid-19. Vejamos:

Dezembro chega e com ele um nível de exaustão absurdo depois de um ano em que quase todas as tarefas estavam sendo resolvidas diante de uma tela de computador e das videochamadas. Assistir as aulas do mestrado já estava ficando cansativo porque por mais que as discussões que emergiam nas disciplinas fossem do meu interesse, já estava vivenciado aquilo desde abril... resisti. Cumpri todos os créditos em disciplinas optativas e obrigatórias e agora sigo com a escrita da dissertação (Ribeiro, 2022, p. 124).

Para além das dimensões vinculadas às dimensões da vida em Biritinga, em uma comunidade rural e as vivências no âmbito da formação acadêmica, o mestrando José Marcos, em um trecho da sua carta, destaca: “Daqui do sertão, vejo o mundo, teço comparações e me indigno” (Ribeiro, 2022, p. 122), ao refletir sobre outras questões contempladas na sua escrita epistolar, a exemplo das repercussões no cenário político – nacional e mundial – das ações de combate à pandemia, os entraves da desinformação e das *fake news* disseminadas nas redes sociais, a postura irresponsável do

ex-presidente do Brasil diante do caos instalado, a necropolítica e as lições aprendidas. Esses e outros assuntos compõem os fragmentos a seguir.

A irresponsabilidade, o negacionismo e maucaratismo do presidente fizeram o que o Ministério da Saúde em plena pandemia se tornasse um 'entra e sai' de ministros, que a fome, o desemprego e as mortes se alastrassem. Hoje, 25 de maio de 2021, ao escrever essa carta, já se somam mais de 450 mil mortos no Brasil por covid-19. Mais de 16 mil novos casos por dia. E uma média móvel diária de 1.909 mortes. Até quando?! (Ribeiro, 2022, p. 123).

Na necropolítica do poder vimos a quem foi facultado o direito de ficar em casa em isolamento e a quem não. Vimos os egoísmos se manifestando de maneira intensa, vimos quem ficou sem ter o que comer, sem ter como pagar suas contas, vimos um auxílio emergencial cheio de falhas, a começar pelo valor que se dependesse do presidente seria de apenas duzentos reais. E há quem queira, diante de tudo isso, romantizar este processo dizendo que sairemos dele 'pessoas melhores', pode até ser pessimismo da minha parte, mas não consigo visualizar um pós-pandemia assim (Ribeiro, 2022, p. 122).

Contudo, nesse turbilhão de vivências que evidencia a fragilidade da vida e as incertezas sobre o futuro, José Marcos também manifestou o desejo de compartilhar sentimentos outros, mobilizados pela presença de pessoas queridas, que fazem parte do seu lugar no mundo e juntos criaram redes de apoio, as quais, de algum modo, os fortaleceram, conforme estes excertos:

[...] quero compartilhar ainda nessa carta as alegrias que transitam esse percurso doloroso, que acalmam muitas vezes o coração e nos fazem esticar os horizontes esperando dias melhores. Vivencio esse processo ao lado de pessoas que comportam a minha existência e são responsáveis por tudo que sou, que posso e quero me tornar: viver é tornar-se (Ribeiro, 2022, p. 123).

Assim, junto dos nossos vamos criando redes de apoio e nos fortalecendo de algum modo. Era setembro de 2020 e os números de casos e mortes no estado (Bahia) e no Brasil continuavam em alta, embora em Biritinga a situação parecesse estar 'controlada', o cuidado e as medidas de proteção seguiam. Diante de tanto obscurantismo nos parece faltar motivos para celebrar a vida, mas minha vó chegava à marca dos 89 anos de idade. Mais um ciclo se iniciava numa trajetória de vida de tanta superação. Mesmo não podendo reunir toda família, como de costume, 'com os de dentro de casa' como costuma dizer minha própria vó, agradecemos a Deus por tão singular experiência de tê-la ao nosso lado (Ribeiro, 2022, p. 124).

Ao contextualizar a pandemia nas dimensões espaço-tempo, José Marcos faz uma inflexão sobre os números de casos de pessoas infectadas pela doença e o crescimento do quantitativo de óbitos no estado da Bahia e no Brasil, sinalizando que no seu município (Biritinga), a situação parecia estar sob controle. Era setembro de 2020 e juntos dos seus, celebrou o 89º aniversário da sua avó, em uma cerimônia simples, embora simbólica, para exaltar a vida e agradecer a Deus a bênção de viver a singular experiência de tê-la ao seu lado.

No começo de 2021, o mestrando participou de uma seleção e foi aprovado para lecionar o componente Geografia em uma escola privada. Ainda por conta da necessidade de controlar a transmissão do coronavírus, o isolamento/distanciamento social e o fechamento das escolas e de outros espaços foram medidas necessárias, e o ensino remoto continuava sendo a única forma de garantir a formação escolar e acadêmica de crianças, jovens e adultos. Nesse contexto desafiador, José Marcos começa a sua carreira profissional e, sobre essa experiência, narrou:

Assumi a Geografia do Ensino Fundamental Anos Finais e Médio de uma instituição de ensino privada. Então, eu que até o momento vivenciava o ensino remoto na condição de aluno,

tive que ‘me virar nos 30’ para (re)significar o meu saber-fazer docente e buscar me adaptar ao contexto enquanto profissional. O primeiro desafio foi o de aprender em pouco tempo a manusear a plataforma do sistema de ensino que a escola utiliza para agendamento

das aulas, postagens de atividades e abertura de pastas para recebimento das mesmas. Elaboração das atividades avaliativas (testes/provas) pela plataforma, lançar as notas e fazer a frequência. Tudo era novo para mim. No início, como tudo que é novo causa estranhamento,

achei que não fosse dar conta, mas logo fui pegando os ‘macetes’.

[...]

O desafio é permanente, toda semana preciso pensar em abordagens e práticas distintas para cada turma visando deixar o processo menos cansativo para os alunos nas aulas síncronas e assíncronas. O meu quarto virou minha sala de aula, o meu *WhatsApp* uma loucura com tantos grupos das turmas, conciliar vida, trabalho e escrita de dissertação nesse contexto não tem sido uma tarefa fácil, mas como sertanejo com ousadia ‘desmedida’, resisto, [...] (Ribeiro, 2022, p. 126).

A iniciação na docência, no formato remoto, foi um grande desafio para José Marcos. Ao narrar sobre a experiência, ele destacou que, até aquele momento, só tinha vivenciado essa situação como aluno e na condição de professor, necessitou se adaptar, ressignificar o seu saber-fazer e aprender em um curto espaço de tempo a operacionalizar a plataforma do sistema adotado pela escola. Nesse emaranhado de tempos e espaços – físico e virtual –, foi preciso aprender a lidar com a nova dinâmica e conciliar a vida pessoal, a rotina do trabalho e a escrita da dissertação.

Ao concluir a sua narrativa marcada por reflexões sobre o vivido, o escritor-remetente reafirma a sua identidade sertaneja, e, com uma ousadia “desmedida”, resiste e, mais uma vez, convoca Rosa (1984, p. 219), para demarcar

o lugar de onde escreve, sinalizando que “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; [...]”.

Com a esperança de dias melhores, ao finalizar a escrita da sua carta, José Marcos manifesta

[...] o desejo de (re)encontrar todos vocês muito em breve. Nos eventos apresentando nossas pesquisas, nas reuniões e ações do grupo, nos corredores da UNEB... Sigamos narrando nossas histórias, nos apoiando, [...]. Saúde e força para todos. Vai passar!! (Ribeiro, 2022, p. 127).

Ao projetar o futuro, ele sinaliza a intenção de recontros presenciais, aqui, ali e acolá, como sempre foi, até a fatídica presença da pandemia.

Escrever na pandemia e escrever sobre a pandemia: o que fica por dizer?

A carta é o veículo.

A escrita, modos de ser.

E a leitura, modos de ver

(Camargo, 2000, p. 227).

As escritas de si, no formato de carta apresentadas neste texto, versam sobre o ato de escrever/narrar na pandemia e sobre a pandemia. São questões que se entrelaçam à medida que os narradores vão tecendo reflexões sobre as marcas e os significados das experiências no contexto da pandemia da covid-19, considerando o seu lugar, a sua identidade e as estratégias utilizadas para ressignificar a vida de forma tão desafiadora e inédita e até mesmo (re)territorializar.

Ao evidenciar as narrativas biográficas de dois membros do grupo de pesquisa Geo(bio)grafar, decorrentes de dois projetos – extensão e pesquisa –, como fonte desta escrita, busquei neste texto historicizar questões que

desvelam situações e vivências no devir do contexto pandêmico e anunciam as maneiras de (re)invenções de si e da vida. Assim, aproprio-me das reflexões do professor Hanilton e do estudante José Marcos e questiono: o que uma carta pode revelar sobre a vida na pandemia?

Os remetentes (escritores-protagonistas/atores-autores) compartilharam experiências; sentimentos e manifestaram preocupação com os seus e a falta de convivência com as pessoas queridas, com o país, com a propagação do coronavírus, as formas de contágio e o quantitativo alarmante de óbitos, dia após dia; os protocolos adotados a nível mundial, nacional e local para controlar a infecção e, sobretudo, com as incertezas sobre a duração do isolamento (*lockdown*), o término da pandemia e o retorno da vida como ela era.

As cartas revelaram muito mais que enredos de situações experienciadas nos espaços da casa e do seu entorno. Elas partilharam histórias e revelaram os sentimentos e as marcas indelévels deixadas por quem as escreve e assim, movidos pelo desejo de compartilhar episódios vividos no contexto da pandemia, os escritores-protagonistas/atores-autores deixam entrever que, conforme afirma Camargo (2000), a escrita epistolar é o meio utilizado para narrar os fatos, a sua escrita comporta as maneiras de ser e sentir-se e a sua leitura abarca os modos de compreender os episódios narrados.

Os episódios apreendidos pela leitura das palavras grafadas nas cartas sinalizam vestígios da vida cotidiana neste desafiador tempo, evidenciando que a *pandemia* da covid-19 desencadeou vários sentimentos: angústia, medos, ansiedade, temor, tristeza e incertezas. As cartas revelam experiências específicas de cada escritor-protagonista, contudo a centralidade encontra-se ancorada na grafia sobre a vida e as suas possíveis (re)invenções em um

mundo caótico marcado por um tempo adverso, inédito, portanto, desafiador.

É possível dizer que as narrativas suscitaram reflexões, inquietações e indagações sobre o contexto pandêmico, desvelaram as marcas e as percepções das situações de quem as escreveu, fazendo emergir os contextos vividos. Para além de um relato sobre o experienciado no cotidiano da vida, de tudo o que viram, observaram e viveram em seus lugares, no Recôncavo Baiano (professor Hanilton) e no Sertão do Sisal (estudante José Marcos), as suas escritas são marcadas pelas experiências, impressões, eventos específicos em um contexto singular e, sobretudo, pelas percepções, sentimentos, tensões, ao evidenciar os significados e sentidos atribuídos ao contexto vivido no devir da crise sanitária.

No tecer de uma narrativa, atribuindo sentido(s) à(s) experiência(s), o sujeito se torna capaz de reinventar-se (Passeggi, 2011). E, assim, o que temos é um conjunto de grafias reflexivas sobre a vida e as incontroláveis incertezas. As experiências narradas são testemunhos de um tempo, de um contexto, de um fenômeno.

Ao revelar os desafios e enfrentamentos do vírus, evidenciando a fragilidade da vida, o professor Hanilton e o estudante José Marcos compartilham histórias e colocam em cena situações que revelam as imposições de mudanças bruscas e prolongadas nas relações sociais e na rotina para lidar com o novo formato de ensinar e estudar, atividades outrora presenciais, adaptadas no formato remoto/virtual.

Muitas foram as histórias narradas sobre a maneira imperativa que a pandemia demarcou alterações nos tempos e nos espaços de vida, sinalizando que foi preciso isolar-se para viver, reinventando os modos de ser e estar no mundo.

Os escritores-protagonistas narraram sobre os modos como enfrentaram esse grande desafio, arquitetando uma nova rotina em suas

casas para realizar as demandas da profissão – planejar as aulas remotas – no caso do professor Hanilton e, na condição de estudante, José Marcos também necessitou se reinventar para acompanhar as aulas e demais atividades por meio de aparelhos tecnológicos e recursos de internet.

A imersão nas escritas das cartas possibilitou compreender os movimentos realizados, ao evidenciar os significados que cada um atribuiu ao contexto vivido, marcado pelos desdobramentos da pandemia e a relação entre esse cotidiano e a compreensão das experiências. E, cada um, à sua maneira, foi lidando com as imposições da mencionada crise sanitária, ao adotar estratégias para amenizar as implicações/consequências do isolamento/distanciamento social.

Ao tecer uma escrita, a partir do vivido e narrado, os escritores-protagonistas compartilharam experiências e revelaram situações singulares, específicas em seus contextos de vida. As histórias narradas nas cartas desvelam situações vividas no dia a dia no Recôncavo da Bahia e no Sertão do Sisal, o papel do professor, as condições de trabalho docente e a necessidade de aprender outros modos de viver a formação.

Nas suas escritas, os autores-narradores evidenciam episódios que retratam as dificuldades de um tempo e como cada um vivenciou o/no contexto pandêmico. Os enredos transbordam questionamentos sobre a incredulidade do momento vivido, cuja única possibilidade foi a interrupção abrupta da vida como ela se apresentava para cada um no seu cotidiano. E, assim, é possível inferir que a vida de cada um se revestiu de novos sentidos e significados, revelando singularidades e particularidades, reafirmando que as geografias da vida são as marcas das percepções, emoções, de todas as experiências e, sobretudo, a visão que cada um tem do mundo e do modo como cada

pessoa se reinventa a partir de situações que surgem de forma inesperada na vida do ser humano. As cartas são testemunhos de vestígios de vidas confinadas e (re)inventadas, de memórias de um tempo vivido, que nos acompanhou, mas o nosso desejo é nunca mais experienciar.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, 2011.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e prática**. Porto Alegre: Ed. IPUCRS, 2004. p. 201-224.

BAHIA. Decreto nº 19.529, de 16 de março de 2020. Regulamenta, no Estado da Bahia, as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 17 mar. 2020. Disponível em: <http://www.casacivil.ba.gov.br/arquivos/File/dec19529DE-16DEMARCODE2020.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BARROS, Manoel. **Livro de pré-coisas**: roteiro para uma excursão poética no pantanal. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRASIL. Resolução nº 2, de 10 de dezembro de 2020. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 11 dez. 2020.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIG-

- NOT, Ana Crystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (org.). **Refúgios do eu:** educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000. p. 203-228.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. Natal: Ed. UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DEPOIS. Compositora e Intérprete: Marisa Monte. *In:* O QUE VOCÊ quer saber de verdade. Compositora e Intérprete: Marisa Monte. Rio de Janeiro: EMI, 2011.
- MEIRELES, Cecília. **Poesia completa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. *In:* NÓVOA, António. (org.). **Os professores e a sua formação.** 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 13-33.
- PASSEGGI, Maria da Conceição Botelho Sgadari. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego por Bernardo Soares.** Lisboa: Ática, 1982. v. 2. (Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho). Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1522>. Acesso em: 13 set. 2020.
- PORTUGAL, Jussara Fraga *et al.* (org.). **Isolar para viver:** grafar, narrar e reinventar a vida. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.
- PORTUGAL, Jussara Fraga *et al.* (org.). **Isolar para viver:** experienciar, sentir e narrar a vida. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.
- PORTUGAL, Jussara Fraga. **Projeto de Extensão Universitária Vida e pandemia:** narrativas em quarentena. Serrinha: Universidade do Estado da Bahia, 2020a. (Digitalizado).
- PORTUGAL, Jussara Fraga. **Projeto de Pesquisa Isolar para viver:** narrativas em tempo de pandemia. Serrinha: Universidade do Estado da Bahia, 2020b. (Digitalizado).
- PORTUGAL, Jussara Fraga. (Coord.). **Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais:** identidades, memórias e narrativas. Serrinha: Universidade do Estado da Bahia, 2021. Projeto de pesquisa. (Digitalizado).
- PORTUGAL, Jussara Fraga. **“Quem é da roça é formiga!”:** histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.
- RIBEIRO, José Marcos da Silva. Entre angústias e esperanças: no viver tudo cabe. *In:* PORTUGAL, Jussara Fraga *et al.* (org.). **Isolar para viver:** grafar, narrar e reinventar a vida. Rio de Janeiro: Consequência, 2022. p. 115-127.
- RIBEIRO, José Marcos da Silva. **Campo, cidade, urbano e rural:** conceitos, representações e abordagens nos livros didáticos de Geografia. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, 2019.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. São Paulo: Círculo do livro S.A., 1984.
- SOUZA, Hanilton Ribeiro de. 2020: o ano que passei em casa: conectado e criando outras territorialidades. *In:* PORTUGAL, Jussara Fraga *et al.* (org.). **Isolar para viver:** grafar, narrar e reinventar a vida. Rio de Janeiro: Consequência, 2022. p. 63-79.

Recebido em: 15/12/2023

Revisado em: 18/05/2024

Aprovado em: 28/05/2024

Publicado em: 22/06/2024

Jussara Fraga Portugal é doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar – Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores e (Auto) Biografia, Formação e História Oral (Grafho). *E-mail:* jportugal@uneb.br